



A Santa Sé

**DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II
AOS BISPOS DE PORTUGAL
POR OCASIÃO DA VISITA
"AD LIMINA APOSTOLORUM"**

Segunda-feira, 6 de Julho de 1987

Amados e veneráveis Irmãos Bispos de Portugal

1. Agradeço os sentimentos que acaba de exprimir o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa, Dom António Ribeiro, na qualidade de Presidente da Conferência Episcopal, interpretando o que vos vai no coração e que, nos encontros pessoais, alguns de vós já tiveram a oportunidade de me manifestar. Muito obrigado!

Neste encontro, que é daqueles que vivo como uma das tarefas mais importantes e mais belas do meu múnus de sucessor de Pedro, reafirmo também eu a “viva afeição” com que sempre vos acompanho e com que hoje vos recebo, animado pelo desejo, como dizia o Apóstolo, de “compartilhar convosco, não só o Evangelho de Deus, mas a própria vida” (1 Thess. 2, 8). É de comunhão o momento da vossa *Visita ad limina Apostolorum* mais do que de simples vivência da Colegialidade episcopal: comunhão das mentes, dos corações e num só Espírito, com o ponto culminante na concelebração da Eucaristia.

Com poucas alterações – mais três novos Irmãos que se nos vieram juntar – este nosso grupo já se encontrou em Fátima, aquando da minha inesquecível peregrinação e, passado um ano, aqui, na precedente *Visita ad limina*. O tempo passa rapidamente; mas as recordações gratas perduram. Sim: perdura em mim, viva, a lembrança do meu encontro com a Igreja que está em Portugal e hoje também aqui, em vós representada. Saudando-vos como Pastores, saúdo as vossas Comunidades – os Sacerdotes, Religiosos e Religiosas e todos os fiéis – graças a Deus, a maioria do Povo português. E na linha e continuidade desses encontros precedentes, apresento algumas breves considerações, tendo ainda viva a dúplice interpelação da Solenidade recente

dos Apóstolos São Pedro e São Paulo, aliás, perene interpelação de Roma: à unidade de todos os Bispos, na comunhão com o sucessor de Pedro, e ao “cuidado solícito de todas as Igrejas (2 Cor. 11, 28).

2. Um ano após a minha visita pastoral, publicastes uma primeira Carta Pastoral conjunta em que, antecipando nalgum aspecto a mais recente Assembleia Extraordinária do Sínodo dos Bispos, escrevíeis: “Está no nosso espírito imprimir novo impulso ao movimento de renovação das nossas Dioceses”. Simultaneamente lançáveis um inquérito, visando auscultar o Povo de Deus a nível nacional, sobre “deficiências e urgências notadas ou sentidas na Igreja que está em Portugal”. Do resultado colhido, nasceu a ideia de “uma só linha de força . . . da acção pastoral até ao Ano Dois Mil”, expressa em nova Carta Pastoral conjunta, com o afortunado binómio: “Evangelizar e renovar a fé do Povo de Deus, segundo as exigências do Concílio e do nosso tempo”.

Não posso deixar de me congratular convosco por tudo isto, índice de atenção e de muito esforço. Foi um decidido passo em frente, para consciencializar e animar co-responsabilidades, na base segura da unidade e fidelidade, sem ignorar a diversidade das situações e dos recursos e pessoal ao dispor, em Dioceses tão diferenciadas como são as de Portugal. Por isso se reservava a cada um dos Bispos, singularmente considerado, a orientação do movimento evangelizador e renovador na própria Circunscrição diocesana.

3. Não nos permite o tempo, infelizmente, deter-nos na análise da situação da Igreja em Portugal, nesta fase de conscientização, bem reflectida nos amplos e bem elaborados Relatórios, que preparastes com esmero. A par de consoladoras atestações desta recuperação de consciência e das muitas indicações concretas de vitalidade e empenho eclesial, não faltam algumas referências pormenorizadas a lacunas, perigos e dificuldades que aí se apresentam à Igreja que está a caminho e prossegue a sua peregrinação, “no meio das perseguições do mundo e das consolações de Deus, anunciando a Páscoa do Senhor, até que Ele venha” (*Lumen Gentium*, 8). Entretanto, o Bom Pastor continua a dizer-nos: “Tende confiança! Eu venci o mundo” (*Jo. 16, 33*).

De qualquer modo, prevalecem os motivos de optimismo e esperança, pois a Igreja em Portugal dá a impressão de uma firmeza relativa, com segurança de consciência e capacidade de intervenção, sem complexos, não obstante as dificuldades subsistam. E, neste momento, parecem provir não apenas de factores transitórios, mas prevalentemente de factores históricos e estruturais, ligados à sorte do povo e do país em geral, a braços com fenómenos de ajustamento às consequências de viragem repentina no seu rumo histórico, portadora de mutações profundas.

Disto se têm ocupado perspicazmente as vossas reflexões conjuntas, analisando os eventos e as situações, como a conhecida evolução política e a descolonização; e, a nível eclesial, o impacto da renovação conciliar e de algumas “leituras” menos exactas do mesmo Concílio. Ainda recentemente escrevíeis: “Numa época em que, por circunstâncias várias, nos encontramos integrados na Comunidade Económica Europeia, devemos preocupar-nos em afirmar a nossa

consciência colectiva, que não pode reduzir-se a termos de mercado. Há um património a preservar. Dele faz parte a fé cristã . . . Há uma expectativa depositada no carácter específico da nossa contribuição, que se funda precisamente nos nossos valores espirituais e religiosos”.

Fazíeis ainda uma referência que é apelo, que aqui convosco me apraz sublinhar, quanto aos queridos emigrantes portugueses: estes, “quer nos países da Europa, quer nos países de outros continentes, têm contribuído para tornar presente e vivo no seio de outros povos o património de matriz cristã” que levaram da mãe-pátria (*Nota Pastoral*, die 17 maii 1987).

4. “*Evangelizar e renovar a fé do Povo de Deus*”: gostaria de ter tempo para repensar convosco todo o conteúdo da Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* e algumas ulteriores explicações e aplicações que tenho feito das luminosas perspectivas do documento do meu venerando predecessor Paulo VI. Pressupondo isso, limitar-me-ei a acentuar que se não se cuidasse, como prioridade das prioridades, desta “novidade” da fé pascal do Povo de Deus, segredo da perene juventude da Igreja (*Eph. 5, 27*) com outras diligências correr-se-ia o risco de estar a pôr “ um remendo de pano novo em vestido velho” (*Matth. 9, 16*).

A fé do Povo de Deus precisa de facto de ser vivificada e alimentada continuamente na obediência ao Evangelho, com o procedimento descrito pelo Apóstolo: missão, anúncio, acolhimento e adesão pessoal compromissiva (*Rom. 10, 14-16*); precisa de ser animada pela “novidade” de Jesus Cristo. Com Ele, de facto, nasceu o “homem novo”, chamado a viver em família com todos os homens, pela santidade e graça traduzidas em verdade e vida, na edificação da justiça, do amor e paz. E é com “homens novos”, que há-de surgir uma sociedade nova, no clima da solidariedade e da fraternidade, iluminada pelo sol da caridade e continuamente purificada e refrescada pela brisa suave da prática das bem-aventuranças.

5. Com este pano de fundo, passo a acenar a alguns dos pontos mais vezes repetidos nos vinte Relatórios. Primeiro dentre estes, o dos meios e obreiros da evangelização, ou a *centralidade da problemática* dos recursos, mormente dos recursos humanos: envelhecimento dos Presbitérios, insuficiência das vocações sacerdotais e religiosas e limitações para formar adequadamente os candidatos ao Sacerdócio e à vida consagrada. Parece estar aqui algo preocupante e melindroso, apesar dos progressos, em número e qualidade, que assinalais nestes campos. Desejo fortalecer a vossa esperança e estimular a vossa atenção e intervenção, propondo-vos para acelerar a inversão de tendências que, graças a Deus, começa a desenhar-se:

- insistir na “valorização” da “prata da casa” que não obstante tudo – acentuais vós – é muito boa; ou seja, dispondo de um bom clero, atender aos “modelos” a apresentar às novas gerações, principalmente demonstrando confiança para criar confiança, para que todos os Sacerdotes procurem em todas as coisas acreditar-se como ministros de Deus (*2 Cor. 6, 3ss.*);

- são boas pistas as “sugestões” da mais recente Assembleia Extraordinária do Sínodo dos

Bispos, quanto à formação nos seminários e nas casas religiosas (Synodi Extr. Episcoporum 1985, *Relatio finalis*, II, A, 5);

-incrementar o apostolado ou promoção vocacional e avivar continuamente as co-responsabilidades, no plano humano e cristão; mas sobretudo, rezar e fazer rezar muito: o Espírito Santo pode suscitar a renovação suspirada, mas sob o ponto de vista humano imprevisível; contudo, é preciso implorá-la com fé ao “Senhor da messe”.

Nesta linha, é sabido o lugar que ocupam as pessoas consagradas: não apenas com a disponibilidade, a competência e o zelo que lhes são próprios, para tornar presente a Igreja em diversos campos; mas neste tempo tão necessitado de oração e, talvez, omisso na adoração de Deus, precisa-se muito de pessoas dadas à oração, que rezem pelos que não podem, não sabem e não querem rezar, como se precisa também da exemplaridade da teologia da Cruz.

6. *O crescimento do número de estudantes e docentes* no ensino secundário, superior e universitário, em Portugal, é outra realidade, em si mesma consoladora, por vós assinalada como urgência para a atenção da Igreja, pelo que isso representa no presente e no futuro cristão e na vida social do País. É uma multidão exposta e sacudida pelo vento, talvez de “doutrinas múltiplas e estranhas”, onde o ensino se professa neutro religiosamente. É uma “massa” enorme a “levedar”. E o “fermento” têm de ser “homens novos” – e neste ponto vai um apelo aos Leigos da vossa pátria-para que saibam manter e fortalecer continuamente a própria identidade cristã, conscientes de que “é coisa boa robustecer o coração com a graça” (*Hebr.* 13, 9; *Eph.* 4, 14), a fim de darem testemunho de fé desassombrada, esperança transcendente e amor traduzido em vida das exigências éticas, como pessoas motivadas, esclarecidas e respeitadoras dos demais.

Este respeito, porém, nada tem que ver com a indiferença. É uma atitude responsável, ditada pela consciência autêntica, que leva a reconhecer, em si e nos outros, o homem com todas as suas dimensões como criação maravilhosa, com “direitos de autor”: a pessoa humana. E nisto fundamenta o respeito do Criador e um amor do homem que vai além das categorias do quantitativo e do factício.

7. E neste momento, quero dizer uma grata palavra de estímulo, bons votos e apelo para a *Universidade Católica Portuguesa* – da iniciativa da vossa Conferência Episcopal – e para as suas extensões universitárias, que são realidades hoje, em diversas cidades. O seu prestígio, unanimemente reconhecido – como frisaram diversos Relatórios – tem de se manter e cada vez mais redundar em serviço à missão evangelizadora da Igreja, contribuindo para serem atingidos e modificados “pela força do Evangelho os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida do homem, que se apresentem em contraste com a Palavra de Deus e com o seu desígnio de salvação” (Pauli VI, *Evangelii Nuntiandi*, 19). Sei que fazeis o que vos é possível para que se conserve esse prestígio e por torná-lo evangelizador. Que Deus vos ajude e ilumine sempre e a todos os comprometidos nesta causa.

Mas impõe-se à vossa solicitude e generosidade de Pastores uma atenção mais alargada a todo o mundo da cultura, como se impõe a todos os “homens novos” pela novidade de Cristo. É tarefa árdua, mas muito prometedora de frutos, a curto e a longo prazo. O Cristianismo é parte muito importante do património cultural português. Referistes que, entre vós, numerosos *Sacerdotes se dedicam ao enno* e não apenas da disciplina de “Religião e Moral”. Todos desejamos que sejam exímios profissionais, os melhores entre os melhores. Mas os Sacerdotes estão comprometidos, antes de mais, com Cristo e com a sua Verdade; e só serão felizes na consonância e harmonização de todo o seu ser e agir com a condição de “ministros de Cristo” e sentindo com a Igreja: com a Igreja universal e com a sua Igreja local; e ainda, actuando a exemplaridade de luz e sal” que os outros têm direito a ver neles, mesmo quando, paradoxalmente, os aliciam para a “emigração” da sua escolha de vida fundamental. E, para serem realmente felizes, rezem, rezem muito, cultivando a união com Cristo, pois disso depende a eficácia da sua vida doada, disso depende o fruto da sua actividade (*Jo. 15, 5*): depende a salvação de muitos irmãos.

8. Confidenciastes-me ainda alegrias e apreensões pelo que se refere ao *culto litúrgico*, devoções e tradições, vividas em festas e romarias, típicas da vossa terra. Causou-me profunda satisfação constar na maioria dos Relatórios o aumento da devoção à Santíssima Eucaristia, também fora da Missa, graças aos ministros extraordinários do Sacramento. A Eucaristia, sabemos-lo, está ligada a promessa da vida eterna; e, por isso, permanece “o centro e ápice de toda a vida cristã”.

Mas quanto ao resto, com perspectivas positivas, há questões em aberto, a que dedicais a melhor atenção, visando aproveitar e valorizar o bom fundo de religiosidade das vossas gentes. Deixo-vos como sugestões, ao encorajar o vosso zelo, empenho e firmeza neste campo imenso: dialogar e levar pelo juízo crítico, à purificação do sentido do sagrado e do imperativo da adoração a Deus, muitas vezes subjacente àquilo que se desvirtuou e desviou; fazer todo o possível para ser retomada a celebração-encontro da *Eucaristia dominical*, e por que esta corresponda à necessidade de festejar, comungar e sentir ser realidade a “lei de Cristo” que implica “levar os fardos uns dos outros” e “chorar com os que choram”, quando necessário, mas também “alegrar-se com os que estão alegres” (*Gal. 6, 2; Rom. 12, 15*): tratar-nos uns aos outros como irmãos.

9. Para tanto, impõe-se viver e crescer na consciência de filhos de Deus em graça (*Eph. 5, 1*), “examinar-se cada um a si mesmo” e fazer o devido discernimento, de qual é a vontade do Pai celeste, do que é bom e perfeito (*Rom. 12, 1-2*). E aqui se insere o apelo à reconciliação, garantida pelo Sacramento, devidamente celebrado; o apelo à conversão, ao compromisso pessoal. *Celebrar a Penitencia*, para a libertação do pecado, torna-se tanto mais imperativo quanto mais os cristãos souberem percorrer os caminhos indicados pela Senhora da Mensagem, em Fátima: os caminhos da oração pessoal, familiar e comunitária; e os caminhos da conversão ao Evangelho, voltando-se para Deus e fazendo da vida prece e na prece enquadrar o quotidiano. E neste nosso tempo, quando avassala a perda do sentido do pecado e tantas pessoas sentem o vazio interior e a crise espiritual, “a Igreja deve manter e promover, com energia, o sentido da

penitência, da oração, do sacrifício, da oblação de si mesmo, da caridade e da justiça” (Synodi Extr. Episcoporum 1985, *Relatio finalis*, II, A, 4). Por último, exorto-vos Irmãos muito amados, a prosseguir naquela firmeza serena que transparece dos vossos Relatórios e dos vossos Documentos conjuntos, a orientar, incentivar e amparar com tempestivos pronunciamentos – quando necessário – o testemunho colectivo e peregrinação na fé da Igreja que está em Portugal. Quanto mais se manifestam as tendências para sobrepor o quantitativo e o factício ou simplesmente demagógico ao espiritual, que chegam mesmo a questionar, a nível de sociedade ou de Estado, valores morais fundamentais para se manter a dignidade pessoal, tanto mais os cristãos devem sentir-se fortes, coesos e apoiados para chamar erro e pecado aquilo que o é, porque em contraste com o Criador e a sua criação. Cristo, o mesmo ontem, hoje e para todo o sempre, continua a ser “ caminho, verdade e vida ”, para a autêntica felicidade do homem.

10. Quanto a outros campos da vossa actividade de Pastores, ficam-me no coração e na primeira linha da minha prece as vossas confidências, esperanças e preocupações. Assim

- a *família*: a família segundo Deus, as tradicionais famílias sãs portuguesas, que começam a ser saudade, e as famílias que tendes; e no entanto, o futuro do homem continua a decidir-se na família; esta continua a ser esperança para o equilíbrio das pessoas e a harmonia da sociedade;

- o *mundo do trabalho*, dos sem-trabalho e dos que sofrem as consequências das injustiças, desajustes e insídias que o minam, quando o trabalho tem de ser caminho de fidelidade a Deus e ao homem-irmão;

- os “*mass-media*”, com as suas imensas possibilidades e com a problemática, a que importa dar respostas aferidas pelo Evangelho; – a carência ou inadequação de estruturas eclesiais e laicais que deveriam preparar os cristãos para participarem na promoção social e para um compromisso no apostolado, mais eficaz e seguro; e relacionada, a incipiente experiência dos diáconos permanentes;

- a *propaganda* a que nem sempre é possível fazer frente, de cunho *materialista*, *ateia* ou anticlesiástica, a alargar o espaço para o secularismo, o permissivismo moral, pelos caminhos do consumismo e do hedonismo, até aos mundos ilusórios da alienação total da pessoa;

- o *mundo dos Jovens*, dos queridos jovens portugueses, aos quais todos desejamos que não rompam com o seu património cultural; que sejam livres, sim, mas no amor que sabe discernir e sacrificar-se por pobres ideais, para serem os melhores cidadãos da sua pátria, dando largas à generosidade dos seus corações para abraçarem o mundo, com o que nele é belo, nobre e de acordo com o projecto de Deus.

Queridos Irmãos no Episcopado,

11. “Tende confiança! Eu venci o mundo”.

Evangelizar e renovar a fé do Povo de Deus, segundo as exigências do Concílio e do nosso tempo, é uma tarefa imensa; mas não é algo suplementar ou facultativo na nossa missão de Pastores, aliás, na missão da Igreja. Muitos factores incidem na vitalidade cristã e fecundidade apostólica das comunidades e podem debilitá-las. O labor, que tem de ser constante contra o dessoramento, será tanto mais eficaz e convincente quanto mais os agentes pastorais e todos os discípulos de Cristo estiverem unidos e falarem a mesma linguagem: forem “um só coração e uma só alma” solidamente enraizados na caridade divina: “para que o mundo creia”, Todos os cristãos portugueses têm nisto a sua quota-parte, cada um segundo a própria condição.

A nós, Pastores, o Senhor confiou a tarefa de articular as diversas formas de co-responsabilidade e empenhamento. Com os sentimentos do “Bom Pastor” e como testemunhas, temos de garantir, mais do que a compacidade, a comunhão profunda e frutuosa, entre os fiéis, entre as diversas comunidades, entre as dioceses, entre as zonas pastorais, enfim, entre as forças vivas do Povo de Deus e de todas estas com a Igreja universal.

Neste Ano Mariano, para implorar a intercessão da Mãe do Redentor -modelo e presença materna na vida da Igreja que está a caminho-convosco, ajoelho-me em espírito em Fátima: que o Altíssimo derrame sobre vós e sobre as vossas Comunidades diocesanas os dons do seu amor, para caminhardes, com jubilosa esperança, cada dia mais “evangelizados e renovados”, na peregrinação da fé. É o que imploro ao abençoar, representada em vós, toda a Igreja em Portugal.

© Copyright 1987 - Libreria Editrice Vaticana

©Copyright - Libreria Editrice Vaticana